

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RELAÇÕES PÚBLICAS**

LUIZA RODRIGUES DE SOUZA

**DEBATENDO GÊNERO EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO:
UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA EDUCOMUNICAÇÃO**

**Santa Maria
2017**

LUIZA RODRIGUES DE SOUZA

**DEBATENDO GÊNERO EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO:
UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA EDUCOMUNICAÇÃO**

Trabalho de Teorias Aplicadas à Comunicação apresentado ao Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Aline Dalmolin

**Santa Maria
2017**

LUIZA RODRIGUES DE SOUZA

**DEBATENDO GÊNERO EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO:
UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA EDUCOMUNICAÇÃO**

Trabalho de Teorias Aplicadas à Comunicação apresentado ao Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Relações Públicas.

Trabalho de Teorias Aplicadas à Comunicação defendido e aprovado em: ___ de dezembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Dr^a. Aline Dalmolin - Orientadora
UFSM/RS

Profa. Dr^a. Carlise Schneider
UFSM/RS

Doutoranda Me. Mariana Henriques
UFSM/RS

RESUMO

Esse projeto experimental teve como principal objetivo realizar encontros para desenvolver ações educacionais e assim debater questões de gênero e sexualidade em escolas de ensino médio, mais precisamente com turmas de terceiro ano, utilizando o audiovisual como instigador do debate destes temas previamente selecionados, que foram a violência de gênero e questões LGBTs, buscando assim sair da universidade e realizar fora dela algo pela comunidade local. Através disso, utilizando teorias da educação, buscou-se estimular uma educação cidadã e um melhor entendimento das mídias, o que podemos perceber que ocorreu graças a aplicação das técnicas de grupos de discussão e observação participante. As principais teorias utilizadas nesse trabalho foram as da educação e as que envolvem gênero, diversidade sexual e educação. Utilizar o audiovisual como método de ensino também foi parte fundamental dos encontros realizados, visto que ajudou os alunos na compreensão dos temas e a debater, como apontado por eles mesmos na análise do projeto feita ao final das atividades.

Palavras chave: educação; gênero; sexualidade; ensino médio; audiovisual;

ABSTRACT

This experimental project had as main objective to hold meetings to develop educommunication actions and thereby discuss gender and sexuality issues in high schools, specifically with third year classes, using the audiovisual as an instigator of the debate on these previously selected themes, which were the violence of gender and LGBT issues, and with this, get out of the university and do something outside for the local community. Through this, using theories of educommunication, we sought to stimulate a citizen education and a better understanding of the media, which we can perceive that occurred thanks to the application of participant group discussion and observation techniques. The main theories used in this work were those of educommunication and those involving gender, sexual diversity and education. Using audiovisual as a teaching method was also a fundamental part of the meetings held, since it helped the students to understand the topics and to debate, as pointed out by themselves in the analysis of the project at the end of the activities.

Keywords: educommunication; gender; sexuality; high school; audiovisual;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vitória envolvida na produção do vídeo.	19
Figura 2: Vitória na produção do vídeo.	20
Figura 3: Printscreen de frame do vídeo produzido.....	20
Figura 4: Tabela de temas e votos apresentados aos alunos.	22
Figura 5: Pirâmide da violência de gênero.	23
Figura 6: Printscreen do youtube do vídeo.....	24
Figura 7: <i>Printscreen</i> do <i>youtube</i> do vídeo.....	25
Figura 8: <i>Printscreen</i> do <i>youtube</i> do vídeo.....	26
Figura 8: <i>Printscreen</i> do <i>youtube</i> do vídeo.....	26
Figura 10: Foto do primeiro encontro.	28
Figura 9: <i>Printscreen</i> do <i>youtube</i> do vídeo.....	28
Figura 11: Esquema para entender as questões de gênero.....	32
Figura 12: Printscreen do <i>youtube</i> do vídeo.....	33
Figura 13: Foto do segundo encontro.	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 Educomunicação.....	9
2.2 Perspectiva de gênero e sexualidade	12
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES.....	18
3.1 A interface com o ensino médio	18
3.2 Metodologia e concepção do projeto	21
3.3 Relatos dos encontros	23
3.3.1 Primeiro encontro - Machismo no dia a dia.....	23
3.3.2 Avaliação do primeiro encontro	29
3.3.3 Segundo encontro: questões de gênero e orientação sexual	29
3.3.4 Avaliação	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXOS	41

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado pretende discorrer sobre os encontros no Colégio de Ensino Médio São Sepé em São Sepé – RS, onde foram desenvolvidas ações educacionais focadas no esclarecimento de questões de gênero. Os encontros aconteceram seguindo uma estrutura que se baseou na exibição de vídeos do *Youtube* sobre os assuntos pré-definidos e explicações sobre os conceitos importantes presentes nestes vídeos para contextualizá-los e, depois, fundamentou-se no debate com os alunos a partir de questões que instigassem seus pensamentos.

A partir disso, foi possível refletir como a educação, ao utilizar especificamente o audiovisual como método de ensino, pode transformar a convivência entre jovens de ensino médio, e ser um suporte para abordagens de temas que buscam desenvolver o pensamento crítico e a cidadania nos alunos.

Utilizar o audiovisual como um método para essa pesquisa se deu pelo fato de que gosto e acredito muito no poder de transformação dele, seja na forma de documentário, reportagem, longa metragem, para assistir na televisão, cinema, streaming, ou onde temos mais acesso hoje: o *Youtube*.

Além disso, em decorrência da internet, percebemos um aumento na produção de conteúdo audiovisual utilizado por redes de notícias, empresas e também por consumidores de conteúdos que só desejam compartilhar ideias. Por isso a escolha de vídeos curtos do *Youtube*, que foram alguns *vlogs* e outros mais documentais, uma vez que além de estarem democraticamente inseridos dentro da plataforma eles conversam mais facilmente com os adolescentes. Ademais, foi uma escolha para tornar o espaço mais dinâmico, já que um filme ou documentário muito longo poderia não prender tanto a atenção dos alunos no conteúdo que está sendo passado. Como Soares já antecipava:

A educação, representando o tempo do pensamento lógico, seriado, geométrico, basicamente livresco (identificada com a era fordista), estaria, pois, em crise. Já a instituição denominada comunicação de massa, consolidando um pensamento fragmentado e uma cultura aleatória, essencialmente audiovisual, estaria em alta no imaginário social. (Ismar SOARES, 2000, p. 15)

A abordagem de temas relacionados a gênero para a aplicação do trabalho vem da necessidade de um apoio ao que os jovens acompanham diariamente na

internet, nas notícias da televisão, no seu dia a dia, e assim ajudar a mudar a atual realidade brasileira, em que as mulheres ainda sofrem muito com o machismo e os LGBTs com o preconceito e a falta de compreensão. Apesar disso, esses temas já estão inseridos na agenda midiática atual, o que propicia que os jovens tenham muito mais contato com eles do que no passado. Isso ajudou os alunos a votarem nos temas específicos que foram pré-selecionados dentro da temática de gênero, que envolviam além de violência de gênero e questões LGBTs, temas como gravidez na adolescência e mulheres e classe social. Acredito que a escolha deles também reflita um pouco do contato que eles tiveram previamente com os temas no seu dia a dia.

O projeto contou com a participação de uma aluna do ensino médio de uma forma mais intensa, como bolsista, por ter sido contemplada através do prêmio JAI Jovem 2016, que faz parte da Jornada Acadêmica Integrada (JAI) da UFSM. Além de participar das atividades na escola, ela ajudou a organizar os encontros e serviu como mediadora na interlocução com a turma. Dentro do projeto da Jai Jovem, uma das tarefas foi elaborar um vídeo, com o suporte da universidade, sobre a temática dos encontros.

O principal objetivo deste trabalho foi desenvolver um projeto experimental em extensão universitária, que através da educação debateu temas relacionados a gênero e violência no ensino básico e assim sair da universidade para retribuir ativamente na sociedade parte do conhecimento gerado dentro dela. Os objetivos específicos foram: utilizar o audiovisual como um suporte para práticas educativas, levar temas relacionados a gênero e violência contra as mulheres a jovens de ensino básico, estimulando neles o desenvolvimento de um pensamento crítico e cidadão, aplicar um projeto piloto no Colégio Estadual São Sepé em São Sepé – RS e inserir uma aluna vencedora de um prêmio da JAI Jovem 2016 em um projeto da UFSM. A metodologia utilizada para analisar o impacto dos encontros nos alunos foram os grupos de discussão, o que ajudou a compreender o que os alunos acharam do projeto.

Além de realizarmos o principal objetivo, que foi desenvolver um projeto de extensão, ao final do trabalho concluímos que levar os vídeos para a sala de aula realmente dinamiza e ajuda a estimular e desenvolver o debate entre os alunos, e debater em sala de aula é uma forma de desenvolver a cidadania.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

É evidente que na sociedade em que vivemos hoje as mídias têm um papel muito além do de informar a população. Maria Aparecida Baccega (2009) diz em seu texto "Comunicação/educação e a construção da variável histórica" que a escola e a família já não são os únicos *lugares do saber*, a televisão, os jornais, as rádios, também assumem esse papel. Mas como usar a mídia a favor da educação se o que tem lugar nas grandes redes não quer realmente educar a população? Por que então, não levar a mídia até a escola, utilizando da linguagem simples do audiovisual para aproximar os estudantes de conteúdos tanto do dia-a-dia, necessários para a formação de pessoas críticas e cidadãos conscientes, quanto auxiliar no conteúdo programático de disciplinas, como matemática, física, filosofia, etc.

O trabalho buscou levar até a escola escolhida o audiovisual como um instrumento de educação e também como auxílio no desenvolvimento da cidadania, já que os assuntos falados nos encontros, que envolvem gênero, são essenciais para a formação de pessoas conscientes. Buscando, assim, utilizar a educomunicação para estimular nos alunos um olhar crítico para com a internet e demais mídias, proporcionando que eles desenvolvam uma competência midiática.

2.1 Educomunicação

Um dos principais conceitos que deram base a esse trabalho foi o de educomunicação, que Donizete Soares define como:

Quando falamos em Educomunicação, estamos nos referindo a um campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social, cujos objetivos, conteúdos e metodologia são essencialmente diferentes tanto da Educação Escolar quanto da Comunicação Social. Investigar os fundamentos desse campo, discutir as inter-relações dos vários tipos de saberes que se fundem na Educação e na Comunicação constitui os principais objetivos teóricos desse novo campo. O que sentem e pensam as pessoas de si mesmas, dos outros e do mundo que as rodeia, não importando idade, sexo, credo ou condição social, por sua vez, são os conteúdos trabalhados na Educomunicação. (SOARES, 2006, p. 1)

O resultado dessa mistura entre os dois campos de estudo e aplicação é a educomunicação, que permite que tanto os profissionais de comunicação possam desenvolver a educação, quanto profissionais de educação possam utilizar dos recursos da comunicação para desenvolver a educação. Apesar das diferenças, os

dois campos podem construir juntos esse trabalho. E o que une as práticas no caso do trabalho aqui apresentado é o audiovisual, que foi o objeto usado para instigar o diálogo entre os alunos.

Além da minha preferência pessoal, entre os motivos que encontrei para utilizar o audiovisual e não outras mídias, como publicações impressas, por exemplo, para a realização desse trabalho e a aplicação da educomunicação no contexto da escola onde o projeto foi realizado, está o fato de que os vídeos podem ser utilizados como estratégia para estimular o diálogo e a interação dos alunos. Tanto entre eles, quanto com as pessoas que estão mediando o encontro, proporcionando assim um espaço onde eles se sintam seguros para fazer suas afirmações, tirarem suas dúvidas ou exporem seus sentimentos. O que nem sempre acontece num formato de aula fechado como conhecemos hoje, conforme afirma Donizete Soares):

O que se pretende num diálogo é que os participantes tenham não somente o espaço e o tempo necessários para apresentar e defender seus pontos de vista, mas também sejam capazes de ouvir os outros. Neste sentido, o diálogo é, por excelência, um momento de investigação coletiva. (SOARES, 2006, p. 10)

O diálogo é a base da nossa comunicação, e o ser humano começou a se desenvolver realmente depois que adquiriu a capacidade de falar, momento em que aprende também a escutar o que os outros têm a dizer, e juntos se desenvolver em sociedade. E se hoje já sabemos que coletivamente concebemos ideias, por que ficamos tão calados em sala de aula se é um grupo de pessoas que está ali? Por que a voz do professor ainda é a única que fala e também uma autoridade dentro da sala de aula? Os vídeos instigaram uma troca de ideias entre os alunos, onde mesmo com opiniões diferentes foram capazes de discutir e demonstrar seus pensamentos, mesmo que divergentes, como aconteceu em um encontro e, assim, quebrar essa ideia fechada de uma aula como conhecemos hoje.

Baccega (2009, p. 23) cita Paulo Freire dizendo que “o ‘estar no mundo e com o mundo’ inclui, obrigatoriamente, hoje, levar em consideração, no conceito de mundo, a mediação, a possibilidade de leitura do mundo que nos é oferecida pelos meios de comunicação.” E o principal meio de comunicação entre os adolescentes hoje é a internet, como foi a televisão em algumas gerações passadas.

Com a internet, explorar essas possibilidades e a visão de mundo que temos foi pluralizada e democratizada, visto que, além dos meios de comunicação, temos

acesso às perspectivas de uma pluralidade de indivíduos. Não é apenas a pessoa “estudada” e o Jornal Nacional que detém a “verdade” que a sociedade vê. A ideia dos vídeos serem de fácil acesso também nos aponta como a mídia mesmo fora da sala de aula pode ser educativa nesse caso. Uma pesquisa do Ibope de 2013 mostra que 85% dos jovens no Brasil utilizam a internet, e 76% afirmam utilizar a rede para se informar¹. Por isso, mostrar para eles onde está essa informação, e também fazer uso desse conteúdo em sala é muito importante hoje.

Levando isso em consideração e também a escolhas dos vídeos, todos de fácil linguagem e entendimento. Ao assistir os vídeos em sala de aula, eles puderam argumentar e debater suas compreensões sobre o assunto, que no caso do primeiro encontro era o machismo em situações do dia a dia das mulheres, e o segundo eram questões de gênero e LGBT, e assim ir além do que está apenas no vídeo.

Quando lemos textos que falam sobre a educomunicação, uma das principais palavras que surgem é “cidadania”. Desenvolver este aspecto dentro das escolas através de recursos educacionais foi um dos principais objetivos do trabalho. Peruzzo fala que:

Cidadania é desenvolvimento social com igualdade. Assim sendo, a riqueza socialmente produzida, as descobertas científicas, e tecnológicas, as artes, a educação, o lazer e todas as demais benesses geradas no processo histórico deveriam ser desfrutadas com igualdade e liberdade para a realização plena da cidadania. No entanto, na prática, o que há é uma extrema desigualdade dentro dos países e entre nações. (PERUZZO, 2007 p. 46)

Dessa forma, levar a conhecimento e a experiência produzidos dentro da universidade para escolas parceiras em forma de projetos também é uma maneira de desenvolver a cidadania. E desenvolver a cidadania falando sobre assuntos de gênero utilizando a educomunicação é algo político, o que contribui para perceber o quanto esse tipo de encontro ajuda a formar a cidadania dos alunos envolvidos na atividade. Como afirma Donizete Soares:

[...] a ação que se desenvolve nesse campo de *multirrelação* é política porque, essencialmente, ela se dá num espaço de realizações. Isto é: de atualização ou concretização de projetos que nascem dos sonhos e/ou necessidades dos grupos sociais em processo de formação e organização. (SOARES, 2006, p. 5, grifo do autor)

¹ Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Consumo-da-internet-pelos-jovens-brasileiros-cresce-50-em-dez-anos-aponta-IBOPE-Media.aspx>> Acesso em: 2 de out. de 2017

Ademais, quando abordamos temas relacionados a gênero, também explicitamos o caráter político das atividades, porque o machismo faz parte do dia a dia de todas as mulheres e devemos procurar mudar essa realidade.

2.2 Perspectiva de gênero e sexualidade

Falar sobre igualdade de gênero com adolescentes dentro de sala de aula hoje é um desafio necessário, visto que, diversas tentativas de grupos conservadores no Brasil buscam proibir qualquer tipo de discussão relacionada a gênero e sexualidade dentro da sala de aula. Diversas notícias surgiram nos últimos anos em várias cidades do nosso país sobre isso, como é o exemplo do movimento Escola Sem Partido, que prega “uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar” como está descrito na página inicial de seu site² e que busca impedir que professores manifestem opiniões político-partidárias nem ensine nada que possa ser considerado “de esquerda” sem que a parte “de direita” seja apresentada.

Porém proibir esses debates gera desinformação e conseqüentemente perpetua o preconceito que já existe na nossa sociedade. Assim como precisamos falar sobre educação ambiental, precisamos falar sobre a diversidade, para assim formar além de pessoas que saibam reproduzir o conteúdo ensinado, formar seres humanos melhores, mais conscientes e mais cidadãos. Estimular esses debates consta inclusive nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (CNEM). Numa síntese dessas diretrizes elaborada pelo MEC cita que dentro do currículo deve estar incluído:

[...] temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo. (MEC, 2014, p.23)

A escola é um local de formação de indivíduos não apenas por causa do conteúdo de ensino tradicional, de português, matemática, história e geografia, que é ensinado, mas também na questão de identidades e personalidades. Apesar de os

²Disponível em: <<https://www.programaescolasempartido.org/>> Acesso em: 5 de out. de 2017

colégios focarem no ensino do conteúdo, os indivíduos que estão ali estão aprendendo muito mais que isso, pela experiência que é estar convivendo com muitas pessoas diferentes. Como afirma Freire:

Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente. É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. (FREIRE, 1996, p. 19)

Além disso, como Guacira Lopes Louro (2014) fala em seu livro “Gênero Sexualidade e Educação”, a disciplina e postura que os alunos devem manter dentro do ambiente escolar também ajuda a transformar, nem sempre de forma positiva, como os alunos são, como eles devem se portar, a escola mostra o que é “natural” pelas relações de poder que existem dentro deste espaço. E o poder “máximo” na maioria das vezes está com o professor, pois é ele o “dono” do conhecimento, é ele que detém a palavra.

Por isso áreas como a da educomunicação e também da pedagogia dizem como é necessário transformar a escola em um lugar de debate e interação, pois essa distinção entre professor e aluno já não faz mais sentido, os alunos querem ser atores na sua educação. Como diz Louro (2014, p. 118) quando a relação de ensino e aprendizagem pode existir sem que exista uma autoridade “essas formulações permitem que se inscrevam as pedagogias feministas na perspectiva das pedagogias emancipatórias, que pretendem a ‘conscientização’, a ‘libertação’, ou a ‘transformação’ dos sujeitos e da sociedade.” Ou seja, incluir o debate do feminismo no dia a dia é uma forma de transformar os alunos e a sociedade.

Os alunos convivem diariamente, se reúnem em grupos conforme se identificam, conversam, trocam experiências e assim criam seus espaços e ideias. E se dentro desse sistema escolar as desigualdades já estiverem sendo reproduzidas, e não forem apontadas, muito provavelmente estes indivíduos vão acabar aceitando essas desigualdades ao longo de sua vida. Como fica claro nessa passagem de Louro (2014, p. 89):

Portanto, se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é

historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 2014, p.89)

Por isso é papel dos professores e da comunidade que atua junto às escolas de ensino básico e médio procurar formas de modificar a realidade em que vivemos buscando transformar o local de ensino em um lugar livre de desigualdades e cheio de diversidade. Acredito que iniciativas como a deste projeto experimental ajudem nisso, pois levam outros olhares e outros assuntos ao ambiente escolar, de uma maneira diferente da didática com a qual os alunos estão habituados.

Quando falamos sobre gênero, devemos saber que esse termo não significa a desigualdade entre homens e mulheres. Como diz Saffioti (2004), “[...] cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2004, p.45). É essa construção social que está enraizada dentro das escolas desde o maternal. Seja pelo uso de cores (azul para meninos, rosa para meninas), de brincadeiras de meninos e meninas e de até dentro da sala de aula o incentivo de algumas matérias sejam mais para meninos e outras mais para meninas. Isso tudo é reflexo da sociedade patriarcal na qual estamos inseridas e onde ainda hoje os homens se sentem no direito de intervir, muitas vezes com violência, na vida das “mulheres da casa”, pois atribuem a elas o valor de propriedade. Essa atitude não vem carregada de culpa pelos atos brutais cometidos. Na verdade, quem erroneamente se culpabiliza na maioria dessas situações são as mulheres, que pensam ter cometido erros, portanto, merecem ser punidas. Para Saffioti (2004), “[...] as mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, culpabilizam-se, pois vivem numa civilização da culpa [...]” (SAFFIOTI, 2004, p.25).

Por isso que os temas abordados no primeiro encontro são tão importantes. Todos foram relacionados à violência de gênero e assim buscamos conscientizar os alunos para que não seja perpetuado o que vemos hoje como normal na nossa sociedade: o assédio nas ruas, a cultura do estupro, o feminicídio. Por mais que não se fale tanto nisso, esse tipo de violência também é um problema social, visto que o gênero é uma parte estruturante da sociedade assim como a classe social, raça/etnia. Portanto, a violência de gênero deve ser tratada como tal, com políticas

públicas que intervenham, e acredito que a longo prazo o melhor que podemos fazer é educar os jovens para que não reproduzam essas ações.

Lembrando que violência de gênero se configura tanto violência de homem contra mulher, de mulher contra homem, homem contra homem e mulher contra mulher. Porém, a mais habitual é a dos homens contra as mulheres pela utilização do poder/dominação patriarcal socialmente atribuído ao homem. Tratamos aqui da violência como a definição de Saffioti (2004, p.17) “[...] ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral.”

O tema escolhido para o segundo encontro foram as questões de identidades de gênero e orientação sexual. Um assunto muito atual que inclusive foi mostrado na novela da Globo que foi ao ar esse ano “A Força do Querer” com o personagem Ivan³, apesar das críticas a novela, reconheço a importância do debate chegar às telas das televisões do país nessa conjuntura extremamente conservadora que estamos vivendo. Como já dito anteriormente, o assunto tem gerado muitas medidas dos conservadores que buscam evitar a todo custo falar sobre isso na mídia e escolas, o que eles chamam de “ideologia de gênero”, pois é um assunto que quer “terminar com a família”. Como afirma Louro (2014, p.142):

De algum modo, não saber sobre essas comunidades parece que funciona como uma espécie de garantia de que o/a estudante irá preferir ser heterossexual. Acrescenta-se a esse quadro a idéia de que se uma pessoa fala, de modo simpático, sobre gays e lésbicas, ela se torna suspeita de ser homossexual. Tais sentimentos acabam funcionando como represadores dessas discussões. (LOURO, 2014, p.142)

Por isso também muitas pessoas acreditam que esse assunto não deve ser tratado dentro da sala de aula. Todavia, evitar falar sobre questões LGBTs, acaba também perpetuando violência na nossa sociedade, o que está refletido, por exemplo, nos dados de 2016 da ONG europeia Transgender Europe (TGEu) que descobriu que o Brasil é o país que mais mata travestis no mundo⁴.

O principal esclarecimento que levamos no nosso segundo encontro com os alunos foi essa distinção entre sexo biológico, gênero e orientação sexual. Nosso sexo biológico pode ser limitado a macho e fêmea, porém a diversidade de gênero e de orientação sexual hoje vai muito além disso. Quando falamos em orientação

³ Personagem transexual que passou pela transição na trama da novela.

⁴ Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>> Acesso em: 1 de nov. de 2017

sexual, temos gays, lésbicas, bissexuais, e quando pensamos em gênero, além do tradicional feminino e masculino, temos os transexuais e também poderíamos também falar na teoria *queer*, que esquece esses binarismos. Para compreendermos melhor, Cardoso, citando John Money, explica:

Segundo Money (1998), ser macho ou fêmea, ou ainda intersexo, são categorias que se estruturam a partir do critério da genitália com qual o indivíduo nasceu. Já o gênero seria algo singular e não-plural, a medida de masculinidade e feminilidade, com duas dimensões como os dois lados de uma mesma moeda que irão estruturar categorias como masculino, feminino ou andrógino. Money (1988) propôs o conceito de identidade de gênero/papel (IG/P) como um conceito englobante, que define o ser a partir de categorias como macho/fêmea ou intersexo, masculino/feminino ou andrógino, bissexual ou monossexual (heterossexual ou homossexual), abrangendo um conceito pessoal, social e legal. O autor também incluiu o critério orientação sexual ou o mapa amoroso em seu conceito de identidade de gênero /papel. (CARDOSO, 2008, p.69)

Porque lutamos em aceitar essas diferenças e essa diversidade, se já estamos hoje convivendo com ela? O que vemos hoje na verdade são grupos lutando para encontrar um lugar de respeito na sociedade e grupos conservadores que vão contra isso de formas extremas, como afirma Louro:

Se, por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais, por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (LOURO, 2008 p. 22)

Falar sobre a comunidade LGBT no contexto escolar também se faz necessário para que os alunos possam questionar qual é o nosso conceito de “identidade referência”, e como a influência do patriarcado na sociedade vai muito além da dominação feminina, como afirma Louro:

A diferença não pré-existe nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência. Portanto, se a posição do homem branco heterossexual de classe média urbana foi construída, historicamente, como a posição-de-sujeito ou a identidade referência, segue-se que serão diferentes” todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem. A posição normal” é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna, paradoxalmente, invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferirem. (LOURO, 2008 p. 22)

Vemos hoje uma sociedade mais plural, e também já vemos ela representada tanto nas ruas quanto em novelas, no cinema etc. Dentro das próprias escolas os alunos sabem que existem pessoas LGBTs, já vemos as diferenças e sabemos que

tanto quando falamos em gênero quanto falamos em orientação sexual, multiplicaram-se as possibilidades. Buscar educar os alunos agora é necessário para aceitar essa diversidade e também evitar a violência.

Judith Butler, filósofa e pesquisadora feminista, afirmou em entrevista ao Estadão em uma passagem sua pelo Brasil em 2015, quando questionada sobre educação de gênero nas escolas que

Algumas pessoas têm a noção de que ao ensinar sobre gênero nas escolas ou incluir informações sobre homo e transexualidade você pode seduzir os alunos. Eles seguem a lógica de que há um contágio, se você se informa sobre isso, você vai se tornar um deles. As pessoas que acreditam nisso devem achar a homossexualidade, bissexualidade ou a transexualidade muito atrativas. Na verdade, se eu aprendo sobre a sexualidade de uma pessoa isso não significa que eu vá querer o que eles querem. Só significa que eu tenho uma visão mais ampla sobre o que é o mundo. Nós precisamos relaxar, tratar esse assunto de forma mais leve para aprendermos mais sobre nós, nos entendermos melhor como pessoas. As pessoas que estão raivosas não querem que o mundo mude, mas elas precisam aceitar que o mundo já mudou, independente do que elas acham. (BUTLER, 2015)

Para mim essa passagem reforça e retoma tudo que busquei com esse trabalho, informar para entender melhor as pessoas e interromper esse ciclo que de violência que temos hoje no país e no mundo.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Neste capítulo irei apresentar as atividades decorrentes do projeto de extensão que embasou este trabalho. Os itens a seguir explicam a interface com a escola escolhida para a realização dos encontros, a metodologia utilizada, além da análise dos dados e conclusões obtidas.

3.1 A interface com o ensino médio

Para compreender, um pouco de como surgiu o projeto, precisamos entender algumas coisas sobre a escolha e do porque do colégio onde aconteceram os encontros. No ano de 2016 a UFSM lançou junto à JAI, um novo projeto, a JAI Jovem, um evento que busca aproximar a comunidade ligada ao ensino médio da região, onde os alunos e professores levaram projetos, que passaram por uma seleção e foram premiados. Um dos projetos foi o da aluna Vitória Loreto Pereira, que por ganhar a premiação deveria durante um ano desenvolver algo junto a um professor da Universidade, que no caso foi a professora Aline Dalmolin, orientadora deste trabalho.

O Colégio Estadual São Sepé (CESS) localiza-se na zona urbana do Município de São Sepé e teve suas atividades iniciadas no ano de 1971 para atender à necessidade de oferta de Ensino Secundário, atual Ensino Médio desta comunidade. Segundo informações repassadas pelo coordenador pedagógico do colégio, que auxiliou como tutor do projeto na escola, o CESS oferece o Ensino Médio Regular (3 anos) nos 3 turnos (manhã, tarde e noite) e Educação Profissional de Nível Pós-Médio na modalidade Técnico em Comércio (noite). Esse ano o colégio possui 400 alunos onde 75 deles são do 3º ano. Já a cidade de São Sepé, segundo o site da prefeitura da cidade, fica localizada a 60 km de Santa Maria, tem cerca de 24 mil habitantes e faz parte da região central do estado.

A bolsista de ensino médio contribuiu desde o início, conversando com os colegas, fazendo a votação dos temas e ajudando a organizar o melhor dia para os encontros. Além disso, ela veio até a Universidade para produzir um vídeo falando sobre o tema do projeto, num primeiro momento, nos encontramos para esclarecer um pouco da produção audiovisual, principalmente roteiro e como abordar os temas no vídeo. A partir disso a Vitória elaborou um roteiro (disponível em anexo) e

também ajudou a produzir as imagens no Núcleo de Tecnologia Educacional⁵, que deu suporte para a elaboração do vídeo devido ao vínculo com a JAI Jovem. O vídeo, que tem cerca de 1 minuto e 30 segundos, com uma locução feita pela Vitória e imagens em *stopmotion*⁶, que foram recortadas em papel e montadas durante o vídeo para terem a impressão de movimento, a produção desses desenhos foi feita pela equipe do NTE, que também editou o vídeo (Conforme figuras 1, 2 e 3)⁷. O tema abordado foi, principalmente a igualdade de gênero, que foi discutido no primeiro encontro. Em seu roteiro (ANEXO 1), Vitória fala sobre as diferenças que ainda vemos no Brasil e na América Latina entre salários de homens e mulheres, além de imposições que vem desde a infância (em cores e brinquedos de meninos e meninas) e finaliza dizendo que a igualdade de gênero também está prevista na constituição brasileira.

Figura 1: Vitória envolvida na produção do vídeo.



Fonte: Arquivo pessoal.

⁵ O NTE da Universidade Federal de Santa Maria é subordinado ao Gabinete do Reitor, e tem por finalidade executar as políticas definidas pelas instâncias competentes da UFSM, conforme estatuto e/ou regimento, nas modalidades educacionais mediadas por tecnologias em cursos de ensino básico, profissionalizante, graduação, programas de extensão, atuando como agente de inovação dos processos de ensino-aprendizagem bem como no fomento à incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação aos projetos pedagógicos da UFSM, conforme informações de seu site.

⁶ *Stop motion*, em tradução livre “movimento parado”, é uma técnica que utiliza a disposição em sequência de fotografias diferentes de um mesmo objeto para simular o seu movimento, o objeto sofre uma leve mudança de lugar e o resultado final dá a impressão de que ele estava em movimento.

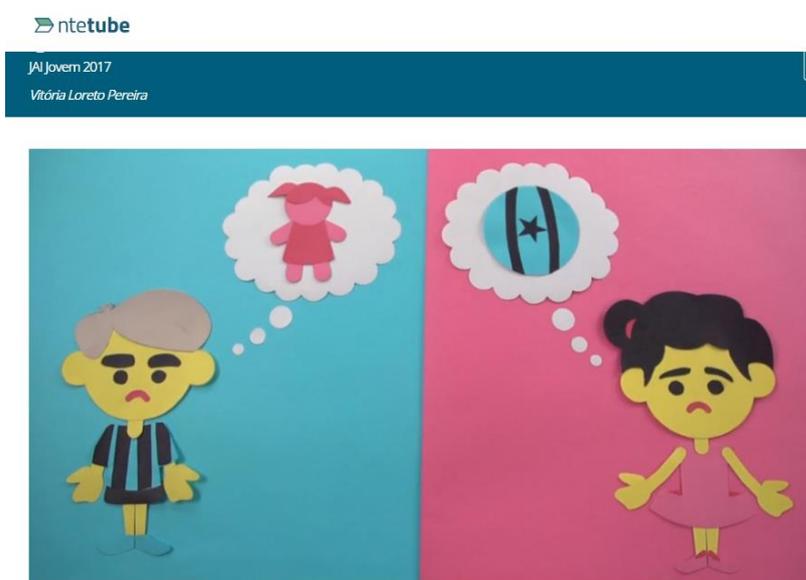
⁷ Disponível em: <<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1508773102>> Acesso em: 10 de nov. de 2017.

Figura 2: Vitória na produção do vídeo.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 3: Printscreen de frame do vídeo produzido.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Isso a colocou como agente da sua própria fala e deu oportunidade para que ela realmente aplicasse o que tentamos passar na sala de aula. Em vez de nós produzirmos um audiovisual e mostrarmos pra ela, a estudante, que também faz parte da pesquisa, pode desenvolver suas habilidades livremente e realmente entrar em contato com o conteúdo que estávamos falando.

3.2 Metodologia e concepção do projeto

As principais técnicas utilizadas para realizar este trabalho foram grupos de discussão e observação participante, a partir dos quais pude pensar na concepção desse projeto como uma pesquisa qualitativa. Esses dois métodos ajudam a desenvolver o que as práticas educacionais dizem.

Sobre a observação participante, Cicilia Peruzzo (2011, p. 130) afirma que “[...] o sentido deste tipo de pesquisa, construído informalmente, era “não só denunciar, mas agir”, extrapolar os muros da universidade e do debate puramente abstrato para o chão dos acontecimentos sociais”. Esse trabalho também buscou sair da universidade para poder realizar fora dela algo pela comunidade, onde o desenvolvimento de um projeto em sintonia com a escola proporcionou que fosse aplicado o segundo método da pesquisa, os grupos de discussão.

Sobre os grupos de discussão, é importante notar que o principal objetivo deles é gerar interação e não necessariamente um resultado final em consenso, como Thornton (2005, p. 21) diz “a interação entre os participantes substitui a interação com o moderador, alcançando assim mais ênfase nos pontos de vista dos participantes”, e buscamos prestar a atenção nos pontos de vista que pudemos ouvir dos alunos que participaram dos encontros realizados.

A partir disso, elaboramos um roteiro para cada encontro, que foi pensado em 3 etapas: (1) mostrar o vídeo; (2) conversar e instigar os alunos com algumas perguntas; e (3) discussão sobre o que foi apresentado anteriormente, para assim estimular o ensino por meio da educação. Além disso, outro ponto fundamental para a concepção do projeto foi a aluna Vitória, que fez a mediação entre nós e o colégio.

Depois desse primeiro momento, a primeira ação para colocar o projeto em prática foi entrar em contato com o Colégio. Fomos até São Sepé e explicamos a ideia, que foi bem recebida pelo professor tutor e a aluna bolsista. Nesse dia

decidimos em conjunto que nossas atividades seriam junto das duas turmas de terceiros anos, que somadas têm cerca de 60 alunos. Entre os motivos da escolha das turmas de terceiro ano está o fato de que como já estão no último ano do colégio eles já têm um maior entendimento e vivência das situações, portanto não seria difícil conversar sobre gênero, até porque as turmas do terceiro ano do CESS se envolveram ativamente nas ocupações estudantis de 2016, o que já mostra um maior envolvimento com temas de cunho político.

Depois desse contato selecionei temas baseados em vídeos que pensava em mostrar e enviei para que a Vitória, aluna responsável, pudesse fazer uma votação sobre os temas de mais interesse dos alunos das turmas de terceiro ano da escola para termos uma relação horizontal, que se confirma como necessária na base metodológica escolhida para a formulação deste trabalho, como Peruzzo afirma:

[...] a pesquisa participante vai, [...] procurar auxiliar a população envolvida a identificar por si mesma os seus problemas, a realizar a análise crítica destes e buscar as soluções adequadas. Desse modo, a seleção dos problemas a serem estudados emerge da população envolvida, que os discute com especialistas apropriados, não emergindo apenas da simples decisão dos pesquisadores. (PERUZZO, 2005, P. 139)

Os temas foram votados pelos alunos que estavam presentes em aula no dia da votação, e cada um deles obteve a seguinte quantidade de votos:

Figura 4: Tabela de temas e votos apresentados aos alunos.

Tema	Número de votos
Gravidez na adolescência/aborto	22 votos
Machismo no dia-a-dia	12 votos
Questões de gênero e orientação sexual	8 votos
Feminismo e desigualdade de gênero	8 votos
As mulheres na mídia/empoderamento	4 votos
Mulheres e classe social	1 voto
Mulher negra	1voto

Os temas mais votados foram divididos em dois encontros: a) machismo no dia-a-dia no primeiro; b) questões de gênero e orientação sexual no segundo; gravidez na adolescência acabou sendo descartado por ser um assunto complicado para tratar dentro da escola. Apesar do tópico “feminismo e desigualdade de gênero”

ter empatado com “questões de gênero”, deixei a primeira temática sem um dia específico para ser trabalhada, pois o feminismo é uma questão que está presente e engloba os outros assuntos que seriam abordados.

3.3 Relatos dos encontros

3.3.1 Primeiro encontro - Machismo no dia a dia

O primeiro encontro ocorreu no dia 18 de julho de 2017, no período da tarde, estavam presentes 25 alunos das duas turmas de terceiros anos do Colégio São Sepé. Nesse dia quem fez as falas no encontro fui eu e a professora orientadora dessa pesquisa, Aline Dalmolin. Neste dia, tive muito receio que os alunos não fossem interagir e debater sobre os temas propostos, mas fui surpreendida ao ver a participação de todos, tanto meninas quanto meninos, sempre que surgiam questionamentos. No início estavam mais tímidos e quietos, mas logo começaram a se soltar.

Para guiar o encontro desenvolvi uma apresentação de *powerpoint* baseada na imagem abaixo (Figura 5), que serviu como guia dos tópicos abordados na apresentação, para cada um deles escolhemos um vídeo.

Figura 5: Pirâmide da violência de gênero.

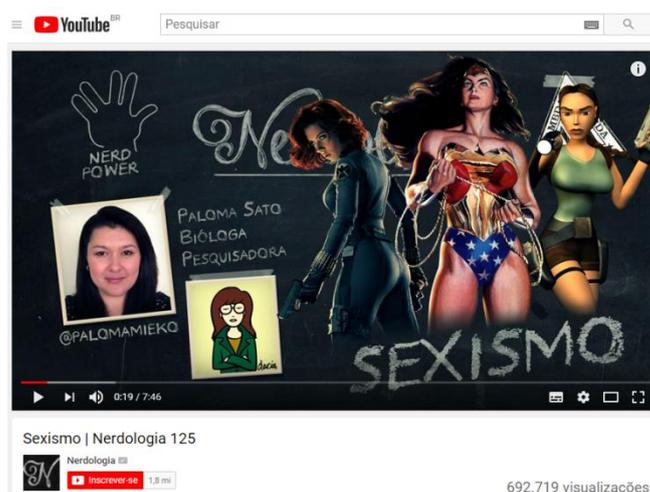


Fonte: Google.

Além disso, devemos mencionar quais foram os vídeos utilizados nos encontros. É importante ressaltar que eles estão no *Youtube*, um site de compartilhamento de vídeos da Google, um dos principais em números de usuários na internet. O primeiro foi o vídeo *Sexismo* do canal *Nerdologia*⁸ (Figura 6).

Fonte: *Youtube*.

Figura 6: Printscreen do youtube do vídeo.



Introduzi a apresentação com o questionamento “Você percebe a diferença no tratamento dos homens e mulheres pela sociedade?” e logo após passei o vídeo, que tratou basicamente de assuntos mais pontuais sobre a desigualdade de gêneros, como, por exemplo, violência dentro de relacionamentos, leis que prejudicam e ajudam as mulheres, diferença entre personagens homens e mulheres em jogos e séries de televisão, desigualdade no seu ambiente de trabalho e também salarial, além de apresentar termos como “teto de vidro”⁹.

Na sequência, achei que seria necessária a apresentação de termos que seriam abordados durante o encontro, então expliquei a diferença entre machismo e sexismo, bem como apresentei termos como patriarcado e misoginia, além de retomar a explicação sobre teto de vidro e apresentar alguns dados de pesquisas que dizem que as mulheres têm menos reconhecimento em diversas áreas.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cpnJ4psOoZc&t>> Acesso em: 10 de jul. de 2017.

⁹ Nome usado para descrever o fenômeno que atinge mulheres potencialmente capazes de ocupar postos hierarquicamente altos dentro de empresas, mas ao ficarem diante do impasse criado entre a maternidade e a ascensão profissional são desencorajadas pelas empresas e pela sociedade. Assim, acabam optando por permanecer em posições intermediárias, com exigências flexíveis que lhes permitem conciliar as tarefas.

Quando falei sobre a questão das atividades do lar ainda hoje serem mais “coisa de mulher” que de homem, questionei os alunos se eles conheciam algum “dono de casa” e um menino disse que o pai dele era, pois já havia se aposentado, enquanto a mãe dele ainda não. A partir disso os alunos começaram a falar sobre as situações pessoais que cada um passa em sua casa no seu dia a dia. Algumas das falas dos meninos foram: “minha mãe sempre mandou eu e meus irmãos ajudar na casa, porque ela não quer criar vagabundo” e “existe uma divisão de trabalho dentro da minha casa entre meu pai e minha mãe, apesar da desigualdade eu acho que tá melhorando”. São exemplos das considerações das meninas: “na minha casa vejo muito machismo por parte do meu padrasto, ele não faz nada” e “eu também vejo que as coisas estão melhorando, principalmente se comparar meus avós com meus pais”

Depois dessa discussão com os alunos e algumas considerações por parte nossa, passamos para o segundo vídeo, que introduzi questionando os alunos sobre “Qual a diferença entre um elogio e um assédio?” O vídeo *10 Hours of Walking in NYC as a Woman (Figura 7)*¹⁰ mostra uma mulher caminhando com roupas pretas que cobrem totalmente o seu corpo pelas ruas de Nova Iorque e sofrendo diversos assédios, ela caminhou por 10 horas e o vídeo reúne alguns desses assédios, que incluem homens chamando ela de “gostosa”, perseguindo ela, pedindo o telefone etc.

Figura 7: Printscren do youtube do vídeo.



Fonte: Youtube.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b1XGPvWn0A>> Acesso em: 10 de jul. de 2017.

Depois desse vídeo, sem precisarmos falar muito, as alunas contaram o caso de uma menina de São Sepé que sofreu agressões e assédios por parte do namorado, falando o quanto a situação estava errada e de como a sociedade de São Sepé culpava a menina pelo que aconteceu e não o menino, que é filho de um policial e foi inclusive protegido pela polícia. Nesse momento todas as falas partiram de meninas, que demonstraram bastante indignação.

Seguimos falando sobre assédio e mencionei a notícia do site G1 “Alunas fazem mobilização pelo uso de shorts em escola de Porto Alegre”¹¹ e questionei como funcionava na escola deles. Responderam-me que também é proibido, “o pior não é não poder usar short, mas sim as justificativas que eles (no caso o colégio) dão, que o problema é a gente e não os meninos”. Sobre o assédio na rua, questionei se eles acreditavam que exista uma solução para isso, e eles me responderam que talvez com a educação, as gerações futuras vão ter outra visão e esse tipo de coisa não vai mais acontecer.

O terceiro vídeo apresentado foi o Não tira do Batom Vermelho (Figura 8)¹², da *youtuber* JoutJout, introduzi o vídeo com o questionamento “Até que ponto seu/sua parceiro/a interfere no seu comportamento?”.

Figura 8: *Printscreen* do youtube do vídeo.



Figura 9: *Printscreen* do youtube do vídeo. Fonte: Youtube.

Esse vídeo fala sobre violência psicológica, ou seja, nesse momento já estávamos chegando quase ao topo da pirâmide que foi usada como norte para o

¹¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/02/alunas-fazem-mobilizacao-pelo-uso-do-shorts-em-escola-de-porto-alegre.html>> Acesso em: 10 de jul. de 2017.

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg>> Acesso em: 10 de jul. de 2017.

desenvolvimento do encontro. No vídeo, JoutJout fala sobre diversos comportamentos controladores que diminuem uma pessoa que está num relacionamento abusivo. Nessa etapa busquei deixar claro que tanto um menino quanto uma menina podem sofrer com isso, mas que infelizmente ainda quem sofre mais são as mulheres.

Diante disso, pude retomar o caso da menina que era perseguida e agredida pelo parceiro que eles mesmos trouxeram antes para usar como exemplo. Novamente os alunos trouxeram experiências pessoais para falar dessa questão, como, por exemplo, um menino contou sobre uma amiga que tem um namorado que brigou com ela, porque eles tiraram uma foto juntos, mesmo estando bastante distantes. Outro aluno falou sobre como o namorado da prima dele tinha ciúmes dele mesmo sabendo que eles são primos e “se criaram juntos”, o que levou uma menina a mencionar a ex-namorada do irmão dela, que também sentia ciúmes dela. Outra menina contou o caso de uma amiga, que tem um relacionamento abusivo e mesmo sabendo disso não consegue acabar o relacionamento, sendo que namorado não deixa ela ter amigas, não deixa ela ter redes sociais e etc, além de dizer que mesmo tentando ajudar a amiga a sair dessa situação ela sempre acabava ignorando os conselhos dados. Vários casos de amigos (as) com namorados (as) que não aceitaram a amizade surgiram, e eles mesmos concluíram que isso é muito comum e perigoso, pois afasta as pessoas de quem poderia ajudar elas.

Depois disso fizemos um intervalo, e quando retornamos a sala para esperar todos os alunos chegarem, alguns já estavam ali e conversaram um pouco conosco, fizeram colocações sobre como gostaram do encontro e acharam importante, o único menino ali presente se abriu para nós contando que recentemente assumiu a sua homossexualidade e sofre bastante no colégio e em casa, mas que considerava esses encontros importantes para mudar a realidade.

Quando todos já estavam na sala iniciamos o último momento do nosso encontro, mostrando o último vídeo, “2 minutos para entender – Violência doméstica”, que falava sobre violência doméstica e feminicídio¹³ ao mostrar fatos e dados de pesquisas sobre a violência física que as mulheres sofrem.

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jv7FWOmMU70&t=3s>> Acesso em: 10 de jul. de 2017.

Figura 10: *Printscreen* do youtube do vídeo.



Fonte: *Youtube*

Depois disso dei seguimento a apresentação que planejei, e falando sobre a cultura de estupro e finalizei a apresentação falando sobre a Lei Maria da Penha e dados da ONU sobre feminicídio. Os últimos questionamentos lançados para a turma foram “Como você já vivenciou a violência contra as mulheres?” “Qual meu papel para mudar essa situação?” E uma das últimas falas do encontro foi da Vitória, que participou como bolsista do projeto, dizendo que ela acredita que não banalizar as pequenas coisas cotidianas é muito importante para cada um de nós acabar com o machismo e que, a longo prazo, vamos ver essa mudança acontecer.

Figura 11: Foto do primeiro encontro.



Fonte: Arquivo pessoal.

3.3.2 Avaliação

Em um primeiro momento tive muito receio que os alunos não fossem interagir e debater sobre os temas propostos, mas fui surpreendida ao ver a participação de todos, tanto meninas quanto meninos, sempre que surgiam questionamentos. No início estavam mais tímidos e quietos, mas logo começaram a se soltar e depois de cada questionamento que fazia junto dos vídeos alguém sempre se manifestava.

Quando abordado determinados assuntos, como o caso do menino que defendeu o Bolsonaro, a turma acabou fazendo muitas falas atropeladas, o que acabou dificultando o entendimento das falas de cada um, apesar disso, em momento algum eles faltaram com o respeito uns com os outros. Essa situação, apesar de ter sido um pouco turbulenta, acabou mostrando o posicionamento da turma, então acredito que tenha sido positivo para desenvolver esse trabalho, ver uma fala contrária ao que estávamos abordando no encontro. Essa situação também mostrou a polarização que acompanhamos hoje no Brasil, e como apesar de vermos seguidores de políticos extremamente conservadores, podemos perceber que a maior parte dos alunos presentes considerou equivocado o aluno defender o Bolsonaro e soube se posicionar diante de uma fala preconceituosa.

Analisando a questão principal do encontro, que foi a utilização do vídeo para conversar com os alunos, pude perceber que sim eles ajudaram e estimularam o debate, acredito que se a interação tivesse se restringido ao formato de palestra, não teríamos uma dinâmica durante o espaço e acredito que tenham sido fundamentais para que os alunos compreendessem sobre o que estávamos debatendo com eles.

3.3.3 Segundo encontro: questões de gênero e orientação sexual

O segundo encontro aconteceu dia 31 de outubro pela manhã, o grande espaço entre um encontro e outro se deu porque o colégio, que é estadual, entrou em greve, e por isso tivemos que adiar nossos planos. Nesse dia estavam presente 14 alunos dos terceiros anos, um número reduzido já que por ser dia de conselho de classe, os alunos estavam liberados das suas atividades, um fato que não sabíamos

até um dia antes do encontro. A aluna Vitória ficou responsável por chamar os colegas para participar e apesar de pouca gente, os que estavam ali participaram bastante, a maioria deles já havia participado consideravelmente no primeiro encontro.

Nesse dia chamamos uma convidada para fazer a fala, a psicóloga Gabriela Quartiero, que é integrante do Coletivo Voe, o principal coletivo LGBT de Santa Maria, pois ela é uma pessoa com mais propriedade para falar do assunto. Deixamos ela completamente livre para dialogar com eles da forma que achasse melhor e abordando os tópicos que ela julgasse mais importantes dentro do nosso tema, apenas frisando que gostaríamos que ela explicasse as diferenças entre sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero. Por sua fala ter sido livre, para o trabalho vou fazer uma pequena síntese sobre os assuntos abordados. Os alunos permaneceram bastante concentrados em silêncio durante a fala dela, porque apesar de termos um vídeo no final, a fala dela também era algo para instigar o debate nos alunos.

Ela iniciou falando sobre o histórico do movimento, que começou com a Revolta de Stonewall em Nova Iorque na década de 60, e foi levantando alguns temas que desde aquela época e até hoje ainda são parte da vida dos LGBTs. Trazendo o contexto histórico para o Brasil ela citou como a ditadura militar que durou de 1964 a 1985 acabou afastando e dificultando com que o movimento se unisse no Brasil, por isso no nosso país essa revolução foi mais tardia. Também falou sobre o uso do termo “homossexualismo”, que tem origem no passado recente da homossexualidade ser considerada uma doença, tendo sido retirada da lista de patologias pela Organização Mundial da Saúde apenas na década de 90. A fala também abordou assuntos como a marginalização, o estigma, a criminalização das pessoas LGBTs, a promiscuidade e a sexualização dessas mulheres e homens e como isso também é um reflexo do estigma que eles sofrem.

Ela também falou sobre como os LGBTs têm que estar encaixados no padrão de feminino e masculino que a sociedade impõe, uma lésbica se for masculinizada vai sofrer mais preconceito que as “que nem parecem lésbicas” para a sociedade, e homens afeminados também. As travestis sofrem mais ainda, pois passam por cirurgias invasivas para adequar seu corpo a essas imposições e por ter seu físico destoante e “chamativo” para sociedade, acabaram sendo obrigadas a se prostituir

para poderem se sustentar, visto que poucos lugares as querem como funcionárias.

Outro assunto abordado foi que a LGBTfobia não é considerada crime no Brasil, o que impede que tenhamos dados reais e um mapa da violência específica para esses casos, o que temos são estimativas graças a ONGs que lutam pela causa. Junto disso surge o assunto das políticas públicas e a falta de apoio do Estado em ajudar a comunidade LGBT tanto na questão de registro de mortes quanto de informação sobre saúde. Nesse momento uma menina fez a primeira manifestação que foi para falar que uma ONG da Bahia fez uma estatística que diz que a cada 25h um LGBT morre no Brasil e também perguntou qual a diferença entre homofobia e a LGBTfobia. A Gabriela explicou então, que LGBTfobia é a abreviação de homofobia, bifobia, lesbofobia e transfobia em uma só expressão. E esse assunto levou a questão do termo “opção sexual” e porque ele não deve ser utilizado, mas sim o termo orientação sexual, uma vez que se fosse uma opção para as pessoas elas não iriam optar por terem que “sair do armário” para a sociedade, não iriam optar por sofrer preconceito na rua, por apanhar na rua em alguns casos, por sofrerem estupros corretivos e tantas outras violências. Nesse momento a mesma menina falou sobre a notícia de uma mãe e sua filha que apanharam saindo do cinema, porque acharam que elas eram um casal.

Depois disso, a partir da sigla LGBT a Gabriela introduziu o assunto central do encontro, explicando a composição da sigla. Nela, o que é orientação sexual é o L (lésbica), o G (gay) e o B (bissexual), e que o T de transexual e travesti é uma questão de gênero, e para exemplificar citou o exemplo de uma mulher, que passou pelo processo e agora é um homem transexual, ou seja, mesmo que ele não tenha um pênis, ele é um homem. Nesse momento surgiu o primeiro questionamento que veio de um menino “mas como ele pode ser um homem se ele tem uma vagina?” para ajudar na explicação então, além da sigla, ela levou a imagem abaixo (Figura 11) para explicar também como funciona a questão de sexo biológico, além de identidade de gênero e orientação sexual. Gabriela explicou um a um dos pontos da imagem bem didaticamente e dando exemplos para que o entendimento dos alunos fosse melhor, mas para resumir, identidade de gênero é como a pessoa se reconhece, orientação sexual é como ela se sente em relação a outras pessoas e sexo biológico é como a pessoa nasce. Ela também abordou a questão de gênero mesmo, falando sobre a aparência que pode ser masculinizada ou afeminada

conforme os padrões da sociedade. Foram muitas informações então naquele momento os alunos presentes pareciam estar bem mais concentrados que em outros.

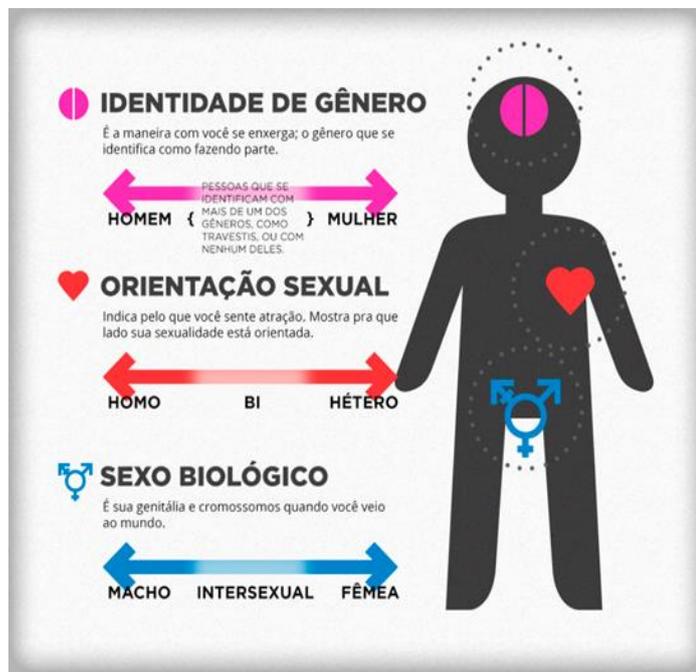


Figura 12: Esquema para entender as questões de gênero. Fonte: Google.

Os últimos pontos citados foram a questão das palavras de luta apropriadas pelo movimento, como por exemplo “bicha”, “sapatona”, “caminhoneira” e “travesti”. Essas pessoas que a sociedade julga e diz pejorativamente serem tudo isso, usam desses termos para se definir. Um homem diz para se empoderar “eu sou bicha mesmo”, assim como uma mulher também diz ser “sapatona”, transformando esses termos utilizados para hostilizar em uma forma de luta. Para finalizar ela levou imagens de uma campanha do estado de Minas Gerais para o dia da LGBTfobia nas suas palavras “como tem poucas campanhas as que tem termos que valorizar”.

Para finalizar então, passamos o vídeo “Adolescentes LGBT” (Figura 12) do Canal das Bee do *youtube*¹⁴. Nesse vídeo, uma das meninas do canal media um espaço com um coletivo de secundaristas LGBTs do Brasil, onde eles falam sobre como é estar no colégio e ser LGBT, sobre o *bullying* que eles sofrem, sobre a falta de apoio da própria escola e das autoridades dentro da escola, porque eles reproduzem o que vem da sociedade. Um dos questionamentos levantados são as

¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A9Q8Et9SawY&>> Acesso em: 15 de out. de 2017.

coisas que eles gostariam de dizer para adolescentes que estão passando por essa fase, mas não tem um coletivo ou alguém com quem se apoiar, e o que eles mais dizem é que não estão sozinhos. Além disso, levantam o debate sobre a importância da militância, alguns jovens negros falam também desse outro recorte, as meninas falam também sobre a questão de ser mulher. O objetivo de passar o vídeo, assim como no outro encontro foi abrir o debate, e antes mesmo de passarmos o vídeo os alunos citaram um colega que é gay assumido e que sofre bastante no colégio por ter características ditas afeminadas, mas que ele não se importa que falem dele.

Figura 13: Printscreens do *youtube* do vídeo.



Fonte: *Youtube*

Depois do vídeo comecei com os questionamentos. O primeiro foi se “eles tinham no colégio estudantes abertamente homossexuais e como era a relação com o restante dos alunos” e eles responderam que tinham alguns poucos, cerca de 3 em todos os anos do ensino médio e que não sabiam de nenhuma menina. Disseram que acreditam que seja assim por morarem numa cidade pequena. Uma menina disse que esse ano está indo e voltando de Santa Maria para fazer cursinho, e que percebeu muita diferença da liberdade das pessoas de uma cidade para a outra. Outra menina também falou que o amigo gay dela diz que em cidades maiores como Santa Maria ou Porto Alegre, ele anda na rua e ninguém repara, enquanto que em São Sepé as pessoas olham com julgamento e sem aceitação.

O que me levou a questionar se “eles vêm essas pessoas sofrendo violência, e se isso ocorre mais na cidade ou dentro da escola” e eles disseram que mais na cidade, porque no colégio, nas palavras deles, “o pessoal é mais cabeça aberta” e

uma menina disse que gostaria que um colega homossexual tivesse visto o vídeo pela importância de eles dizerem no vídeo para essas pessoas que elas não estão sozinhas. Nesse momento eles deram muitos exemplos de amigos e parentes que sofreram violência, uma menina citou amigos que não quiseram andar a pé de noite mesmo junto de um grupo de pessoas por serem um casal homoafetivo e também sobre uma prima que teve que sair de casa para morar com a namorada, pois os pais não aceitaram que ela namorasse uma menina, e que dentro de casa ela ouve da família coisas como “que tristeza, imagina pros pais dela”.

Também foi levantada a questão do preconceito dentro do ambiente de trabalho, e uma menina contou o exemplo de um conhecido que foi demitido por “causar desconforto” nos demais colegas. Um outro menino contou também que um primo gay mais velho, na época que se abriu para a família, teve que se impor muito para que fosse aceito. A partir disso surgiu o assunto dos pais, como alguns têm pais que aceitam e mães muitas vezes mais cabeça fechada que os pais, e novamente culparam a cidade, nas palavras deles “se tu perguntar pra qualquer um aqui a gente não vê a hora de ir embora”, tanto por ser mulher, gay, negro e que como dentro da família sempre surge alguma piadinha ou comentário maldoso e como é difícil mudar a cabeça dessas pessoas mais velhas.

Figura 14: Foto do segundo encontro.



Fonte: Arquivo pessoal.

3.3.4 Avaliação

Por ser um grupo menor achei eles mais concentrados do que no primeiro encontro, porém o que cativou mais a atenção deles foi a fala da Gabriela, que foi mais explicativa. O vídeo que passamos dessa vez não chamou tanta a atenção dos alunos, e eu acredito que tenha sido porque o vídeo conversava mais com pessoas LGBTs, e no grupo de 14 pessoas todos disseram ser heterossexuais. Durante a avaliação eles ficaram mais tímidos do que para debater os assuntos propostos.

Para finalizar o segundo encontro fiz alguns questionamentos sobre as atividades realizadas, para ter uma pequena avaliação e *feedback* do que foi desenvolvido. Buscando assim não apenas realizar a atividade, mas entender de que forma ela pode ter contribuído para eles.

As perguntas que fiz foram “o que acharam sobre os encontros”, se eles aprenderam algo novo e mudaram o pensamento sobre alguma questão a que eles responderam que gostariam de ver mais dessas iniciativas, uma menina disse que acha que deveriam ter encontros como esse no ensino fundamental, pois eles já tem mais opinião formada por estarem no terceiro ano, enquanto pessoas de 13 anos ainda escutam muito os pais.

Quando questionados se eles “consideram importante falar sobre gênero e sobre a comunidade LGBT em sala de aula” eles responderam que sim, e citaram como exemplo o colega homossexual que já disse para eles “que eles falam tanto sobre cotas, mas nunca lembram de mim”. Falaram também que é importante debater esses assuntos para aprender a ter empatia.

Quando perguntei mais especificamente sobre o primeiro encontro, porque percebi que estavam focando mais na questão LGBT para responder minhas perguntas iniciais, perguntei se “teve alguma repercussão, se eles voltaram a debater o assunto” eles disseram que sim conversaram bastante, principalmente pela questão do menino que defendeu o Bolsonaro no primeiro encontro e acabamos entrando novamente no assunto de “ideologias diferentes” e eles disseram que já cansaram de discutir com pessoas “ignorantes” nas palavras deles. Eles pareciam bem indignados ao falar desse assunto, assim como pareceram durante o encontro sobre gênero. Nisso, a Gabriela fez uma colocação importante, dizendo que pessoas ignorantes, por falta de conhecimento, reproduzem o que

escutaram a vida toda, o que acaba gerando um ciclo. Ainda disseram que gostam muito do menino que defende o Bolsonaro, mas que já desistiram de discutir assuntos, porque ele não muda a cabeça, nesse momento eles perderam um pouco o foco, falando bastante sobre ele, mas aproveitamos o momento para falar mais uma vez sobre o problema de reproduzir essas opiniões.

Quando questionei especificamente sobre os vídeos eles responderam menos do que eu esperava, perguntei “se os vídeos ajudaram a trazer o debate, contextualizar os assuntos, se conversou melhor com vocês do que só nós falando, se vocês acharam que foi necessário ou não” uma menina disse que achou bem didático e quando perguntei “se eles já tinham tido outras experiência em aulas ou palestras utilizando vídeos” eles responderam que não e que acharam bem legal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos dos encontros realizados fica claro como a educomunicação e o contato com a escola foram um primeiro passo na busca de uma construção política dos jovens, que hoje graças a internet recebem informações constantemente, porém visto que muito discurso de ódio é difundido na internet e também *fakenews*¹⁵ é interessante incluir nas atividades de sala de aula uma forma de mostrar conteúdo selecionado produzido na internet. Logo, a educomunicação pode ser uma grande auxiliadora nesse processo.

Todos os estudantes envolvidos neste trabalho, e principalmente a aluna Vitória, que participou mais ativamente, tiveram inserido na sua realidade assuntos importantes atualmente. Isso os colocou em frente a temas e debates que contribuíram para sua formação cidadã, e no caso dos que não concordam com o que foi debatido, eles escutaram e, de alguma forma, absorveram esses assuntos. Além disso, os próprios alunos demonstraram durante a avaliação das atividades o quanto consideram os temas apresentados importantes para a sua formação.

Isso reforça a importância de dar continuidade a ações de extensão dentro da universidade em áreas como a da comunicação. Realizar um projeto de extensão universitária foi um dos principais objetivos do trabalho, e conseguimos fazer com que acontecesse de forma simples e com êxito nos nossos objetivos. Isso também pode servir de exemplo para demonstrar como podemos tirar muitas coisas proveitosas dessas trocas com a comunidade, além de retribuir de certa forma os investimentos públicos feito no ensino dentro das universidades federais.

Também acho importante ressaltar na conclusão deste trabalho a minha experiência pessoal em relação aos encontros. Alegrou-me ver alunos tão novos com um pensamento crítico tão desenvolvido. Quando eu estava no terceiro ano, em 2012, não muito tempo atrás, nunca tivemos algum exercício de cidadania como o proposto com esse trabalho.

Apesar de ter estudado em um colégio com uma conjuntura diferente da do Colégio São Sepé, não via em nos meus colegas uma preocupação e um esclarecimento tão nítido nos assuntos que debatemos com os alunos envolvidos

¹⁵ Em tradução livre “Notícia Falsa” é um termo novo utilizado para denominar notícias fabricadas com o intuito de enganar a população, com fins políticos ou financeiros. O ponto principal do termo é que geralmente são notícias que poderiam ser verdadeiras, e assim são muito compartilhadas.

neste trabalho. Eu mesma só fui ter contato com temas de gênero e LGBTs depois que entrei na faculdade. Com isso concluo que cada vez mais cedo os jovens estão se preocupando com as minorias da sociedade e com o seu papel para mudar a nossa sociedade.

Estamos caminhando para uma transformação na nossa sociedade, e a comunicação, como podemos ver no exemplo da educomunicação, terá um papel fundamental para que isso aconteça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luiz Roberto. **Síntese das diretrizes curriculares nacionais para a educação básica**. Brasília: 2010. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32621-cne-sintese-das-diretrizes-curriculares-da-educacao-basica-pdf&Itemid=30192>
Acesso em 2 de out. 2017.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica*. **Comunicação&educação**, São Paulo, v. 3, p.19-28, set/dez, 2009.

BUTLER, Judith. 'Não há justiça social com discriminação de gênero'. *Estadão*, online, 11 de Set. de 2015. Disponível em:
<<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,justica-social-nao-vira-sem-o-fim-da-discriminacao-de-genero--diz-pesquisadora,1760597>> Acesso em: 7 de nov. 2017.

CARDOSO, Fernando Luiz. O Conceito de Orientação Sexual na Encruzilhada entre Sexo, Gênero e Motricidade. **Revista Interamericana de Psicologia/interamerican Journal Of Psychology**, [S.l.], v. 42, p.66-79, 2008. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/html/284/28442108/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, Campinas, v. 19, p.17-23, 2008.

PERUZZO, Cicilia Maria Khroling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 125-145.

PERUZZO, Cicilia Maria Khroling. Cidadania, comunicação e desenvolvimento social. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz. **Relações Públicas Comunitárias: A comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus Editorial, 2007. p. 45-58. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books/about/Relações_públicas_comunitárias.html?id=2WTFIkEA3YAC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 17 out. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOARES, Donizete. Educomunicação - O que é isto? **Portal Gens**, São Paulo, p.1-12, 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. EDUCOMUNICAÇÃO: UM CAMPO DE MEDIAÇÕES. **Comunicação&educação**, São Paulo, p.12-24, set/dez, 2000.

THORTON, Ricardo. **Grupos de Discussão. Grupos Focais.:** Metodologia. Santa Maria: Facos - Ufsm, 2005. Tradução de Luciane D'Ávila de Moura e Leonardo Meira do Nascimento

ANEXOS

Anexo 1 – Roteiro elaborado por Vitória.

CENA	ÁUDIO	VÍDEO
1	Segundo o IBGE enquanto 65% dos homens jovens estão empregados no Brasil	Desenho em branco e preto do mapa da América Latina, com destaque colorido para o Brasil de onde sai um ícone/balão com a informação: 65% homens jovens empregados
2	Somente 42% das mulheres na mesma faixa etária têm emprego. Estas ganham 28% a menos que os homens	Outro balão com a informação: 42% mulheres jovens empregadas(ainda no espaço referente ao Brasil)
3	Além disso, apenas 30% dos altos cargos executivos no Brasil são ocupados por mulheres	Outro balão com a informação: homens ocupam 70% dos altos cargos
4	E na América Latina, o índice é ainda menor, somente 5%	Redução da imagem e destaque colorido para toda a América Latina
5	Essa desigualdade histórica surge já na infância a partir de imposições machistas:	Imagem de uma menina (vestida de rosa) e um menino (vestido de azul) a frente dos pais – evidenciar a criação machista dentro de uma mesma família
6	A menina deve brincar com bonecas, com maquiagens ou panelinhas	Foco na menina com bonecas, panelinhas e maquiagens a sua volta
7	Enquanto o menino deve brincar com carrinhos, ser um super-herói, um cientista ou astronauta	Foco no menino com carrinhos, super-heróis e tubos de ensaio
8	É imposta também a ideia de “coisa de menina” e “coisa de menino” quando se refere a esportes e profissões.	
9	É coisa de menina ser bailarina	Mesma menina vestida de bailarina
10	E ser jogador de futebol é coisa de menino	Mesmo menino jogando futebol
11	E ambos sofrem preconceito quando não seguem esse padrão.	Imagem dividida entre as crianças das cenas 9 e 10, com expressão facial de tristeza, um imaginando a atividade que o outro estava praticando
12	Por esses e outros motivos, que	Fundo vermelho com a palavra “Feminismo” em destaque do lado esquerdo

	diversos movimentos lutam por igualdade de gênero, por exemplo, o Feminismo	
13	Que não deve ser confundido com o Femismo, que coloca as mulheres como superiores aos homens.	Introdução do X (versus) e da palavra “Femismo” em destaque do lado direito
14	Conforme a Constituição Brasileira, homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações	Imagem da Constituição Brasileira aberta com os tópicos *obrigações e *direitos ao lado
15	Sem haver distinção de qualquer natureza	Ampliação da imagem da Constituição aberta com foco na frase “sem haver distinção de qualquer natureza”
16	Isso se chama igualdade de gênero	Fundo na cor verde da bandeira do Brasil com a Frases “Igualdade de gênero” em destaque